

## Heinrich Heine Deuses no exílio

---

O QUE PRETENDO É CONTAR A METAMORFOSE que os deuses gregos e romanos sofreram, transformando-se em demônios, quando o cristianismo assumiu o poder universal. A superstição do povo atribui a esses deuses uma real existência, no entanto amaldiçoada, combinando neste ponto com os ensinamentos da Igreja que, como os filósofos, os consideram mitos, falsas invenções, erros, mas os admite como manifestações do Mal, despojados de todo poder pela vitória de Cristo e reduzidos que foram a miseráveis existências na obscuridade de templos em ruínas ou grutas encantadas. Manifestações que, por sua sensualidade e beleza, mais ainda quando através da dança e do canto, levam à apostasia cristãos vacilantes que se perdem na floresta...

Ao leitor, lembrarei que as atribuições dos deuses antigos, na ocasião em que o Cristianismo obteve sua vitória final — isto é, no século III — revelaram impressionante analogia com os derradeiros acontecimentos de suas vidas, enquanto poderosos. Encontraram-se nessa altura na mesma situação de desespero dos tempos antigos, da época revolucionária em que os Titãs escaparam da reclusão em Orcus, e, através de Pelion e Ossa, conseguiram subir ao Olimpo. Os pobres deuses foram então obrigados a fugir vergonhosamente, escondendo-se na Terra, sob os mais variados disfarces. Muitos deles seguiram para o Egito onde, para sua maior segurança e como é aliás bastante sabido, assumiram formas de animais.

Do mesmo modo, quando o verdadeiro Senhor do Universo alçou às alturas celestiais a bandeira da Cruz, e os iconoclastas e fanáticos monges

passaram a rechaçar os deuses a fogo e ferro e através de maldições, arrasando seus templos, as infelizes divindades foram outra vez compelidas a fugir. Trataram então de se salvaguardar sob diversas aparências, nos mais recônditos esconderijos.

A maioria desses pobres refugiados, desprovidos de abrigos e da divina ambrosia, teve necessidade de procurar trabalho para viver. Em tais circunstâncias, muitos deles, cujos túmulos haviam sido confiscados, tornaram-se lenhadores ou operários na Alemanha, obrigados a beber cerveja em vez de néctar. Dizem que Apolo ficou reduzido a situação tão precária que se viu na contingência de aceitar um emprego de tratador de animais. Em outros tempos, ele cuidara das vacas de Admetus; seria agora pastor na Áustria. No entanto, despertou suspeita devido à delicadeza de seu canto. Ao ser reconhecido por um culto monge como um deus mágico da Antiguidade, foi entregue às cortes eclesiásticas e, sob tortura, confessou ser Apolo. Antes de ser executado, pediu que lhe deixassem tocar citara e acompanhá-la com seu canto. Tocou de forma tão emocionada e encantadora, e tinha o rosto tão belo, que as mulheres choraram e muitas delas acabaram adoecendo logo depois. Passado um tempo, sob a impressão que aquilo fora feitiço de vampiro, decidiram remover seu corpo da sepultura e queimá-lo preso a um poste. Achavam que este seria um remédio infalível para as mulheres adoecidas. No entanto, o túmulo foi encontrado vazio.

Pouco tenho a relatar a respeito do destino de Marte, antigo deus da guerra. Estou inclinado a acreditar que ele, durante os tempos feudais, se aproveitou da doutrina predominante, o que talvez lhe tenha sido de muita utilidade. Lank Schimmelpenning, sobrinho do carrasco de Munique, teria encontrado Marte em Bolonha e com ele conversado. Pouco antes, ele servira

de pastor a Froundsberg e teria presenciado o saque de Roma. Sua mente deve ter se enchido de amargos pensamentos ao ver sua cidade favorita e os templos, onde ele e seus irmãos tanto haviam sido reverenciados, agora horrivelmente destruídos.

Melhor destino que Marte ou Apolo teve Baco. A lenda nos conta o seguinte:

Existem imensos lagos no Tirol, circundados por árvores que se refletem em suas águas azuladas. O murmúrio das águas e das árvores provoca estranhas sensações a quem anda pelas redondezas. Numa das margens de um determinado lago, situava-se a cabana de um pescador que vivia da pesca e do transporte de viajantes que precisassem passar para a outra margem. Ele possuía um grande barco, preso ao tronco de uma velha árvore, não muito distante de sua casa. Era ali que vivia em paz. Um dia, por volta do equinócio do outono, perto da meia-noite, ele escutou uma batida à janela. Abriu a porta e viu três monges com as cabeças encapuzadas e parecendo bastante inquietos. Apressadamente, um deles pediu-lhe o uso do barco, prometendo devolvê-lo em poucas horas. Eram três os monges; o pescador não podia negar o empréstimo. Soltou o barco e voltou para a cabana assim que eles entraram na embarcação. Deitou-se e, sendo jovem, logo adormeceu; mas depois de algumas horas foi despertado pela volta dos monges. Foi ao encontro deles para checar o estado do barco; um deles colocou-lhe na mão uma moeda de prata e os três afastaram-se apressadamente. O pescador estremeceu e não foi devido ao frio: uma estranha sensação o invadira, pois seu coração parecia ter parado quando o monge lhe tocara a mão. Ele tinha os dedos frios como gelo. Durante vários dias o pescador não conseguiu se esquecer daquela sensação. Mas a juventude

logo se livra de acontecimentos misteriosos e o rapaz não pensou mais naquilo, até que no ano seguinte, bem na época dos equinócios outonais, aproximadamente à meia-noite, ouviu uma batida à janela e novamente surgiram os três monges encapuzados, e uma vez mais lhe pediram o barco. O pescador atendeu-os, desta vez com menos aflição; mas quando, depois de algumas horas, os monges voltaram e um deles lhe colocou apressadamente a moeda na mão, ele outra vez estremeceu ao sentir o contato dos dedos gelados. Isto passou a acontecer todos os anos, na mesma ocasião e da mesma maneira. Finalmente, ao aproximar-se o sétimo ano, uma vontade irresistível se apoderou do pescador; queria a todo custo conhecer o segredo que se escondia sob aqueles capuzes. Arranjou no barco um monte de redes que lhe servissem de esconderijo sob o qual se colocaria enquanto os monges se preparassem para a travessia. Na época habitual, após a chegada dos sombrios viajantes, o pescador conseguiu se esconder debaixo das redes. Para seu espanto, a viagem durou pouco tempo, pois que ele, pescador e barqueiro, geralmente levava uma hora para chegar à margem oposta. Maior ainda foi sua surpresa ao contemplar, em local tão familiar para ele, enorme e antes nunca vista floresta, cheia de estranhas flores. Inúmeras lanternas presas às árvores e a altos pedestais ostentavam vasos de resplandecentes rosas; o brilho da lua era tão intenso que o pescador tudo podia ver, como se fosse em pleno dia. Eram centenas de jovens de ambos os sexos, muitos deles belíssimos. Por outro lado, seus rostos eram de uma palidez de mármore, assim como suas roupas infinitamente alvas — brancas túnicas, bordadas em púrpura, davam-lhes a aparência de estátuas. As moças usavam grinaldas de folhas de parreiras nas cabeças, ao natural ou entrelaçadas de ouro e prata; seus cabelos eram trançados em forma de coroas, descendo em

cachos soltos pelas nuças. Os rapazes também usavam grinaldas de folhas de parreira. Todos, mulheres e homens, traziam nas mãos bastões cobertos de folhas de vinha e dirigiam-se alegremente aos recém-chegados. Um deles afastou o capuz, revelando-se um homem de meia-idade, com a fisionomia repulsiva e cheia de luxúria, orelhas de bode e escandalosamente sensual na aparência. O segundo, também com o capuz afastado, revelou-se barrigudo e em cuja calva cabeça as jovens maliciosas depositaram uma grinalda de rosas.

Os rostos dos dois monges, assim como o dos componentes do estranho grupo, eram alvos como a neve. E alvo como a neve era também o rosto do terceiro monge que, dando uma gargalhada, tirou bruscamente o capuz.

Desamarrando o cordão que lhe prendia as vestes, com um gesto de tédio tirou a batina, o crucifixo, o rosário. Usando uma túnica resplandecente como diamante, surgiu um maravilhoso jovem de lindas formas, se bem que algo afeminado na sinuosidade das cadeiras e na finura esbelta da cintura. Lábios delicadamente curvos e suaves feições davam-lhe uma aparência feminina; mas havia em seu rosto algo de ousado, um certo heroísmo displicente. As

mulheres acariciavam-no com selvagem entusiasmo; em sua cabeça colocaram uma coroa de marfim e cobriram seus ombros com uma magnífica pele de leopardo. E naquele momento, de repente, apareceu um carro dourado e triunfal puxado por dois leões. Com ares majestosos, embora com olhar jovial, o mancebo guiou os corcéis selvagens. A sua direita, no carro, ia um de seus companheiros sem batina, cujos gestos lascivos e indecorosos ademanes deliciavam os outros. À esquerda, montado num burro trazido pelas jovens, marchava seu companheiro calvo e barrigudo, segurando na mão uma taça dourada constantemente servida de vinho até a borda. Na carruagem dourada e a sua volta, mulheres e homens rodopiavam, todos ornados de folhas de

parreiras. À frente da procissão apoteótica andava a orquestra: lindos e bochechudos jovens tocavam flauta; ninfas vestindo túnicas batiam tambores com as pernas; graciosas beldades empunhavam tridentes; cometeiros com pés de cabra e belos rostos lascivos sopravam em curiosas conchas e chifres torneados; por último vinham os tocadores de harpa.

Ia me esquecendo, caro leitor, de que sois uma pessoa culta e bem informada e que vos seria desnecessário descrever uma bacanal ou uma festa dionisíaca. Com certeza, inúmeras vezes já contemplastes em antigos baixos-relevos, ou mesmo em inscrições arqueológicas, cenas de procissões apoteóticas em louvor ao deus Baco. E como seria de se esperar, com vosso gosto requintado e clássico, não haveríeis de vos amedrontar, mesmo que em plena noite, mesmo que em meio à deserta floresta, se os fantasmas de semelhante Bacanal aparecessem aos vossos olhos. Sentiríeis no máximo um arrepio de volúpia, um respeito estético diante da visão dessa pálida assembléia de graciosos espectros, egressos de gigantescos sarcófagos ou de esconderijos entre ruínas de antigos templos, para executar, uma vez mais, seu divino ritual; para, uma vez mais, com espírito esportivo e alegria, celebrar a marcha apoteótica do libertador divino, o salvador dos sentidos. Para, uma vez mais, divertirem-se na alegre dança do paganismo — o can-can do antigo Universo — bailando sem qualquer disfarce hipócrita, sem medo da polícia ou da moral, com o abandono selvagem dos dias de antanho, a gritar

com entusiasmo:

— Evoé, Baco!

Mas infelizmente, caro leitor, o pobre pescador que tudo aquilo via não era versado em mitologia como vós; nunca estudara arqueologia; conseqüentemente, tornou-se ele presa de muito pasmo e terror, ao contemplar

o Triunfador e seus acólitos surgirem de dentro das batinas dos monges. E estremeceu ao observar os gestos indecentes e os pulos dos Faunos, das Bacantes e dos Sátiros, que lhe pareciam diabólicos com seus chifres e pés de cabra. Considerava aquela estranha reunião como um agrupamento de fantasmas e demônios que, através de ritos misteriosos, tentassem levar todos os cristãos à ruína. Seus cabelos se eriçavam ao ver uma das Mênades de cabelos soltos e cabeça atirada para trás, balançando-se presa apenas por um tirso, em negligente postura. E sua mente se confundia ao ver os Corribantes em louco frenesi, ferindo os próprios corpos em busca de volúpia no sofrimento. Os acordes da música, suaves e melodiosos, embora terríveis, pareciam penetrar-lhe a alma como cruciante chama. Mas, ao observar o famoso símbolo egípcio descomunal, coroado de flores e conduzido num pedestal por impudica jovem, faltou-se a visão e o pobre pescador correu de volta para o barco e escondeu-se debaixo das redes, batendo os dentes, as pernas trêmulas como se o próprio Satã o tivesse apanhado pelos calcanhares. Pouco depois, voltavam também os três monges, embarcaram e partiram. Ao chegarem à margem oposta, o pescador conseguiu sair do esconderijo, dando a impressão de ter ficado ali entre os salgueiros aguardando a volta dos monges. Um deles, como de costume, colocou-lhe a moeda na mão e os três desapareceram rapidamente.

O pescador acreditava que sua alma estava em perigo e, para sua salvação e com o objetivo de salvaguardar também os outros bons cristãos, achou-se na obrigação de fazer um relato completo dos misteriosos acontecimentos às autoridades eclesíásticas. Como o prior do Monastério Franciscano das redondezas fosse considerado alta autoridade em matéria de exorcismo, achou melhor procurá-lo sem mais delongas. Pôs-se a caminho do monastério, ainda

de madrugada, e foi logo introduzido perante Sua Excelência o Prior, que o recebeu na biblioteca, sentado numa poltrona com o capuz cobrindo-lhe parte do rosto, e que atentamente ouviu o pescador contar sua fantástica história.

Quando terminou, o Superior levantou a cabeça deixando cair o capuz e o pescador reconheceu, com enorme espanto, que Sua Excelência era um dos três monges que anualmente cruzava o lago — precisamente aquele que, na noite anterior, qual um demônio celestial, guiara a carruagem dourada puxada por dois leões. Eram as mesmas e regulares e belas feições, o mesmo rosto pálido, a mesma boca de lábios suavemente curvos. E aqueles mesmos lábios agora sorriam com bondade e aquela mesma boca proferia palavras clementes

e melodiosas:

— Amado filho em Nosso Senhor Jesus Cristo, acreditamos sinceramente que tenhas passado a noite em companhia do deus Baco. Tua fantástica história é a prova disso. Não que nada se tenha a dizer a respeito desse deus: ele às vezes alcança o coração do homem. Mas é bastante perigoso para os que não conseguem agüentar muita coisa; a esta categoria pareces pertencer. Aconselhamos-te daqui por diante experimentares moderadamente o líquido dourado da uva e não perturbares de novo as autoridades espirituais com fantasias de um cérebro embriagado... A propósito de tuas visões, melhor seria calares a boca, caso contrário te seriam infligidas 25 chibatadas. E agora, amado filho de Nosso Senhor Jesus Cristo, vai à cozinha que o irmãomordomo e o irmão-cozinheiro te servirão um leve repasto.

E assim o reverendo despediu o pescador, dando-lhe a bênção habitual.

Quando ele, bastante confuso, dirigiu-se à cozinha e deu de cara com o irmãomordomo

e o irmão-cozinheiro, quase caiu de costas. Sim, não eram outros



senão os mesmos monges que haviam acompanhado o prior em sua excursão noturna através do lago. Reconheceu um deles pela careca e pela barriga proeminente; o outro pelo sorriso sensual e pelas orelhas de bode. Mas ficou bem calado; somente anos mais tarde viria a contar sua estranha história.

Algumas crônicas antigas a respeito de lendas desse gênero localizam a cena próxima da cidade de Speyer, às margens do rio Reno.

Tradição análoga encontra-se a leste das costas da Frilândia, que revela precisamente a concepção antiga de transporte dos mortos aos páramos de Hades. Não existe em tal lenda, nem nas demais, nenhuma referência a Caronte, o timoneiro do barco, personagem que parece ter sumido inteiramente do folclore, sendo encontrado apenas em espetáculos de bonecos.

Mas podemos reconhecer um personagem mitológico muito mais famoso no agente ou despachante que entra em negociação para transportar os mortos e entrega às mãos do timoneiro o habitual dinheiro da passagem. Este é em geral um pescador comum que faz o papel de Caronte. Apesar do disfarce desse despachante, imagina-se logo seu nome. Relatarei a lenda tão fielmente quanto me for possível.

Na costa leste da Frilândia, que margina o Mar do Norte, há abundantes baías usadas como portos e chamadas de fjords. No mais longínquo promontório situa-se geralmente uma cabana solitária de determinado pescador que ali vive em paz e feliz com sua família. Lá a natureza tem um aspecto melancólico. Nem mesmo o gorjeio de um pássaro se faz ouvir; apenas de vez em quando o grito de uma gaivota voando do ninho por entre montes de areia e anunciando a tempestade próxima. O monótono quebrar de ondas do mar inquieto harmoniza-se com as sombras móveis e escuras das nuvens passageiras. Mesmo os seres humanos naquela região não cantam;

nunca se escuta naquelas costas melancólicas o cantarolar de alguma canção popular. Seus habitantes são sérios, honestos, práticos, orgulhosos de sua ousadia e da liberdade que herdaram de seus ancestrais. Não são imaginativos e muito pouco dados a especulações metafísicas. A pesca é seu principal meio de vida e, para ajudar, de vez em quando, fazem o transporte de algum viajante a qualquer das ilhas das proximidades.

Conta-se que, num determinado período do ano, precisamente ao meio dia, hora em que o pescador e sua família, sentados à mesa, faziam a refeição, entrou um viajante e perguntou pelo chefe da casa, pedindo-lhe alguns minutos para tratar de negócios. O pescador, depois de convidar inutilmente o visitante a participar da refeição, concedeu-lhe o pedido e ambos afastaram-se para uma pequena mesa. Não descreverei detalhadamente a aparência pessoal do estranho visitante, à maneira tediosa dos romancistas: nos bastará uma breve enumeração dos pontos principais. Era um homem pequeno, de certa idade, embora bem

conservado. Por assim dizer, era um jovem de cabelos brancos; cheio de corpo, mas não corpulento; bochechas vermelhas como maçãs; olhos miúdos sempre piscando alegremente; sobre a cabeça esbranquiçada ostentava pequeno chapéu de três pontas. Sob um brilhante manto amarelo, cheio de golas, vestia uma anacrônica roupa de próspero comerciante holandês, tal como se vê nos quadros de antigamente — pequeno colete verde-periquito, paletó de flores bordadas, calças pretas e curtas, meias listradas e sapatos ornados de fivelas. As fivelas eram tão brilhantes e polidas que se tornava difícil imaginar como seu portador tinha conseguido atravessar a areia úmida da praia, conservando-as tão limpas. Sua voz era fraca e asmática, às vezes quase lacrimosa, mas suas maneiras eram graves e comedidas como convém a

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

